

A história do Ford Fordson FA-16-14, um dos primeiros carros de Bragança

written by António Praça | 9 de Setembro, 2025

OCIDADÃO
Jornalismo Livre

CRÓNICA
António Praça



Corria o ano de 1950.

Havia já 3 anos que a lã ia sendo paulatinamente comprada por toda aquela região

transmontana, para além da Lombada e acumulada no armazém, à espera que o preço da arroba subisse um pouco, coisa que tardava a acontecer por aquelas bandas.

O lucro não era muito, mas aquela parecia ser a altura certa para vender.

– Pai, é melhor falar com o Sr Manuel Correia para levar a carrada da lã ao Porto.

E assim aconteceu, em Maio de 1950, parte de Babe (Bragança), um camião carregado com toneladas de lã, em direcção à Rua do Freixo nº 905, no Porto, zona tipicamente comercial, onde se

situava a grande lavandaria de lã Henrique Augusto Guedes & filhos.

Depois de alguma negociação, foi fechado o negócio da venda da lã por 42 contos de reis. Não era uma fortuna, mas era um valor considerável na época.

Dá-se então início à concretização de um sonho antigo, quando anos antes, na ferradoria do Manuel “Ferrador”, onde guardavam os cavalos nas viagens Babe/Bragança, vê uma mota a um rapaz de Rabal que estava na tropa.

– Quando eu for para a tropa quero comprar uma mota igual, Pai.

O Pai anuiu, mas chegada essa altura...

– Então ainda queres a mota?

– Não Pai, agora quero um carro!

A tropa e a mota ficaram no passado... o carro seria a ferramenta ideal e única para

transformar o negócio para outra dimensão e geografia.

Em 1949, com 22 anos e já com mais de meia dúzia de anos a trabalhar, a reinventar e liderar o negócio dos pais e avós, ruma a Lisboa, para casa do tio Manuel Inácio Praça, homem muito respeitado na baixa comercial da capital, onde era proprietário da vidraria Império e por quem nutria uma grande amizade, admiração e cumplicidade, pois era apenas 20 anos mais velho.

Ali permaneceu um mês para tirar a carta, pois na cidade de Bragança na época ainda não era possível.

Mas era agora mais a norte que tudo acontecia.

Depois de uma noite mal dormida na Pensão Universal, na baixa do Porto, tal era a

ansiedade, pai e filho atravessam a Avenida dos Aliados e entram no Palácio Ford.



*1950 Ford Fordson E83W
1172cm³ - cx3vel - 30cv - 64km/h*

Fazendo o balanço entre a necessidade de um carro de caixa aberta, a conveniência de um carro fechado e o dinheiro no bolso, as atenções viram-se para um furgão de generosas dimensões, 7 lugares e bancos rebatíveis. Era o carro ideal! Entram e saem do stand algumas vezes por uma diferença de 500 escudos... meio conto de Reis... o carro custava 42.500 escudos e a lã só tinha rendido 42.000 escudos.

Bem, lá teria que ser... já estavam convencidos a desembolsar mais 500 escudos, mas com aquele instinto negociador e numa última tentativa, entram novamente mas com o argumento que iam comprar a outro lado.

O vendedor, Sr. Seixas, desabafa: pois bem, levem lá o carro pelos 42 contos!

Tinha começado a epopeia!

Feito o seguro na companhia Social da rua Sá da Bandeira e já com o carro carregado de “potes”, “atados de aço” e mais algumas novidades que por isso mesmo pouco tempo paravam nas

prateleiras, o jovem de 23 anos que tinha tirado a carta há um ano em Lisboa, que poucas ruas do Porto conhecia, pega no volante e descobre que o carro tinha no sítio do acelerador o travão! Sim, embraiagem no pedal da esquerda, na direita o travão e no meio o pedal para acelerar. Seria preciso mais uma dose de coragem para tirar o pé do travão e colocar no acelerador!

Tinham pela frente mais de 250 km, em estrada com mais curvas que retas, de alcatrão rarefeito e a serpenteada serra do marão para atravessar, que apesar da água fresca das fontes, fazia embrulhar o estômago ainda mais.

Mas era um sonho em concretização e nada dá mais força que isso.

Eram 9h da manhã.

Depois de 11h de viagem, em que as palavras entre ambos ficaram no pensamento e a merenda sobrava, chegam a Babe pelas 8h da noite.

Ainda sem perceber bem como tinham chegado, o pai segura dois quadros que trazia para a esposa, um com a imagem do Sagrado Coração de Jesus e outro de Maria Sua Mãe e diz:

– Líria, olha, foram Estes Dois que nos trouxeram para casa!

O pai chamava-se Alberto Rodrigues Praça.

A mãe, Líria da Cruz.

O filho, César Américo da Cruz Rodrigues Praça.

O carro, um Ford Fordson, matrícula FA-16-14, com motor de 1172cm³ de cilindrada, caixa de 3 velocidades, 30cv de potência e velocidade máxima de 64km/h, foi o primeiro carro de toda aquela região transmontana e acabou por ser também um motor de desenvolvimento!

O jovem empreendedor, que me relatou esta sua história de vida, tem hoje 98 anos e é o meu amado Pai.

António Rodrigues Praça

In: "Memórias que transbordam" Agosto 2025